

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!22

REVISTA V!RUS
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x
julho . july 2021



Atílio José Avancini é formado em Engenharia Civil e é mestre, doutor e livre docente em Ciências da Comunicação. Atualmente é professor associado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, atuando junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração, e é membro permanente do programa de pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais. Seus principais temas de pesquisa incluem comunicação, informação, artes, fotografia e cinema, estudos culturais. avancini@usp.br

<http://lattes.cnpq.br/7711153733776662>

TAPETE
CARPET

A INTERCULTURALIDADE DA LAVAGEM DO BONFIM DA BAHIA

THE INTERCULTURALITY OF THE LAVAGEM DO BONFIM OF BAHIA FESTIVAL

ATÍLIO AVANCINI

PT | EN | PDF

Como citar esse texto: AVANCINI, A. A interculturalidade da Lavagem do Bonfim da Bahia. **VIRUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=5&item=118&lang=pt> Acesso em: dd/mm/aaaa.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

Resumo

A Lavagem do Bonfim é uma festa popular originária de tradição colonial. O objetivo deste artigo é discutir as questões culturais envolvidas na dinâmica da maior festa religiosa da Bahia, que ocorre anualmente, desde 1755, na cidade de Salvador, Brasil. Essa interculturalidade enquadra-se nas relações com o contexto latino-americano, fruto do amálgama entre o cristianismo e as religiões africanas. A pesquisa aborda o tema de forma crítica com base na "sintaxe do cortejo", de Louis Marin, significando a força histórica de coesão e resistência. Explica-se a existência, por séculos e séculos, dessa festa pela devoção, marcada pelas religiões de matrizes africanas e vista como símbolo da luta diária pela sobrevivência da gente brasileira. Incorporar os negros como cidadãos brasileiros é a dívida histórica a ser conquistada.

Palavras-chave: Cultura, Memória, Vida urbana, Festa popular, Cotidiano

1 Transmutação

O presente estudo descreve a festa popular Lavagem do Nosso Senhor do Bonfim, que transcende o antigo para chegar aos nossos dias, mas pouco conhecida pelo público em geral. A tradicional manifestação de rua integra aspectos de identidade, memória e resistência como patrimônio do povo brasileiro. A miscigenação e a colonização fazem parte da construção identitária da nação brasileira. As fronteiras de interculturalidade da festa integram e conectam não só tradições da América Latina, mas também da África e da Europa no espaço das transmissões de ritos e práticas da fé humana.

O tráfico transatlântico, na geopolítica da escravatura de plantação, do século XVI ao século XIX, vinha das regiões litorâneas da África. Vinham para o Brasil, que recebeu cerca de 4,5 milhões de negros escravizados, e para o conjunto da América Espanhola, que recebeu perto de 1,6 milhões de pessoas (DORIGNY, GAINOT, 2017, p. 29). A partir da festa da Lavagem do Bonfim, busca-se ressignificar compreensões sobre o contexto latino-americano, principalmente no Brasil, marcadas pelas influências e práticas culturais das religiões de matrizes africanas.

O objetivo deste artigo é descrever, analisar e interpretar, a partir de diferentes áreas do conhecimento, com registro verbal e fotográfico, a maior festa religiosa da Bahia, trabalhando, sobretudo, na perspectiva da inclusão de agentes sociais e saberes populares. O desafio estratégico da Lavagem do Bonfim é fomentar o pacto social e promover a responsabilidade do estado baiano para com as políticas públicas. A pesquisa aborda o tema de forma crítica, fundamentando-se na "sintaxe do cortejo", de Louis Marin (1994), cujo método de releitura da festa é importante contribuição aos estudos culturais, artísticos, históricos, sociológicos, antropológicos, religiosos e urbanísticos, no contexto latino-americano.

A festa da Lavagem do Bonfim da Bahia, em Salvador, é de origem cristã com forte influência do candomblé. Este artigo desenvolve-se por meio de pesquisa histórica, mas também por meio de cobertura fotográfica feita pelo autor em algumas festas. As dez fotografias autorais aqui apresentadas foram registradas em 2018, produzidas em cores e com câmera digital Nikon D70s. Justifica-se a pertinência de discutir a festa da Lavagem do Bonfim pela possibilidade de abrir horizontes para repensar a cultura afro-brasileira e a fé popular, embora todas as camadas da esfera social estejam ali presentes.

Surpreende a sobrevivência, por quase três séculos, dessa tradição religiosa, evidenciando um ato de resistência para suportar dificuldades e não sucumbir. A festa pode também ser considerada espaço de reparação de eventos traumáticos – feridas, agressões e violência – que refletem a história dos afrodescendentes. Eduardo Galeano (2017 [1978]), em *As veias abertas da América Latina*, explica a conservação das tradições africanas e a manutenção da fé religiosa pela população negra, principalmente no Brasil e em Cuba.

Os deuses africanos continuavam vivos entre os escravos da América, como vivos continuavam, alimentados pela saudade, os mitos e as lendas das pátrias perdidas. Parece evidente que assim os negros expressavam, em suas cerimônias, em suas danças, em seus exorcismos, a necessidade de afirmação de uma identidade cultural que o cristianismo negava. No entanto, também terá influído o fato de que a Igreja estava associada ao sistema de exploração que os vitimava. (GALEANO, 2017 [1978], p. 125).

Parte-se do princípio de perceber a religião como fé ou devoção. O termo "religião" encontra sua etimologia na palavra latina *relegare*, "recolher ou reunir", ou em *religare*, "religar". Ou seja, reconectar o ser ao invisível, ao mágico ou às divindades. Pode-se considerar a festa popular da Lavagem do Bonfim como encontro de pessoas para peregrinar, realizar oferendas, homenagear ancestrais e encontrar uma sublimação que contorna traumas históricos e sociais. A devoção ao Senhor do Bonfim, transformado primeiramente em padroeiro dos que enfrentaram o mar, ganhou reconhecimento na cidade e, também, mundo afora.

2 Antiga capital e cidade mestiça

Depois do Carnaval, a festa tradicional afirma-se como o segundo maior evento popular da capital baiana, e expressa, desde 1755, o traço brasileiro mundano e sagrado, além de apontar fronteiras interculturais. O lugar arquitetônico, geográfico e histórico da Lavagem do Bonfim é Salvador, a primeira capital do país e o segundo polo turístico brasileiro (figura 1). A baía aprazível foi encontrada pelos colonizadores portugueses, em 1502, no Dia de Todos os Santos. Batizada com o nome de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, a cidade foi fundada em 1º de novembro de 1549. Mestiça e diversa, foi "[...] pátria de muito barão do Império, viscondes, condes, marqueses, mas foi também a pátria de gente do cais." (AMADO, 1972, p. 123).



Fig. 1: O momento de reunião dos fiéis na igreja Conceição da Praia, nos arredores o Elevador Lacerda, o Monumento à Cidade, de Mário Cravo, e o Mercado Modelo. Fonte: Autor, 2018.

Em 1763, a Coroa portuguesa transferiu a capital do Brasil Colônia para o Rio de Janeiro. A abolição da escravidão, em 1888, e a crise da produção de cana-de-açúcar acentuaram, no final do século XIX, o declínio de Salvador. A cidade, que pela lenda popular seria possuidora de 365 igrejas, uma para cada dia do ano, possui na verdade 372 igrejas católicas. É, todavia, a mais africana do continente – berço histórico do processo ternário entre a Europa, a África e a América.

O ritual da “lavagem” corresponde a certas práticas religiosas, como a tradição católica da limpeza interna da igreja – costume ibérico medieval –, inicialmente realizado pelo trabalho escravizado. Nas terras da Bahia, a Lavagem do Bonfim é patrimônio do povo para render graças a duas divindades: Nosso Senhor do Bonfim e Oxalá. Essa interculturalidade enquadra-se nas relações com o contexto latino-americano, fruto do amálgama¹ entre o cristianismo e as religiões africanas. “Terra onde tudo se mistura e se confunde, ninguém é capaz de separar a virtude do pecado, de distinguir entre o certo e o absurdo, traçar os limites entre a exatidão e o embuste, entre a realidade e o sonho.” (AMADO, 2010, p. 48).

A mestiçagem é rica oportunidade, mas sem deixar de reconhecer o preconceito oriundo do século XVI, quando o negro veio forçadamente trabalhar nas terras brasileiras como escravizado. Hoje, na Lavagem do Bonfim, a liderança das negras baianas com seus trajes típicos cerimoniais é reveladora. A baiana (figura 2) é a protagonista da narrativa mítica da grandiosa festa na qual, de certo modo, substitui o padre católico.

Alvo e imaculado é o traje das baianas que de manhã cedo partem da igreja da Conceição para o Bonfim, levam potes à cabeça com água límpida e flores alvas; margaridas, dalias, rosas e angélicas. São negras fartas, bem pisantes, que partem ao Bonfim para lavar o adro da igreja, levam ao pescoço seus melhores fios de contas com grossas figas, dentes de porco encastoados em prata, breves, outros amuletos e voltas de bolota. Braceletes e sua roupa mais luxuosa. (CARYBÉ, 1976, p. 163).



Fig. 2: Em torno das nove horas da manhã, as baianas aguardam, na concentração, em seu traje cerimonial, o início do cortejo. Fonte: Autor, 2018.

A tradição da Lavagem do Bonfim compartilha uma história de colonialidades. Entretanto, não há mais a prática da lavagem interna da igreja: esta encontra-se, no dia da festa, fechada ao público. Esse fato já basta para desmontar o mito da democracia racial brasileira. A atitude discriminatória evita reconhecer aquele lugar simbólico como também dos negros. Alguns estudiosos acreditam, inclusive, que a basílica Santuário do Senhor do Bonfim teria sido assentada em um lugar sagrado para os afrodescendentes. O branco soberano, do passado e do presente, tem sido um usurpador violento no exercício de apagamento ou enfraquecimento dessa tradição: “Como se o outro, que sempre o precedeu naquele lugar, não tivesse direitos e nem mesmo tivesse existido.” (DI CESARE, 2021, p. A12).

Último país do Ocidente a abolir a escravidão mercantil, o Brasil foi a nação que mais recebeu africanos expatriados. Foram 4,7 milhões de pessoas entre 1550 e 1850, cerca de 40% de toda a diáspora africana. Passados 130 anos da assinatura da Lei Áurea, ocorrida em 13 de maio de 1888, o conhecimento científico acumulado permite entender novos aspectos desse regime, que conseguiu se perpetuar sobretudo graças ao uso disseminado da violência. (QUEIROZ, 2018, p. 75).

3 Uma ordem por trás do aparente caos

O mote baiano “quem tem fé vai a pé” dá sentido à caminhada ao Bonfim. Andar a pé pela festa é tocar parte da história e descortinar cenários que guardam tesouros de brasilidade. Em trânsito, o passante vislumbra as dinâmicas da vida urbana, as questões sociais e os contrastes entre as populações privilegiadas e as inferiorizadas. Como rio caudaloso, a travessia coletiva se processa em contínuo movimento e transformação, e “[...] sempre existe algo de imprevisível, de que o inesperado está logo ali na esquina.” (LABBUCCI, 2013, p. 127).

Complexo e não rigorosamente linear é o dia da grande festa. Mas há sempre uma ordem por trás do aparente caos: os momentos de reunião e dispersão dos peregrinos. O período de reunião, durante a manhã, traz o sentido do sagrado e é partilhado em três fases: i. a concentração das baianas na igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia; ii. o cortejo de oito quilômetros com o traslado do andor do Nosso Senhor do Bonfim; e iii. a lavagem simbólica na basílica do Senhor do Bonfim. O período de dispersão, mais conhecido como Festa de Largo, complementa os ritos em torno das homenagens ao santo, dimensão mais festiva baseada na folia – dita profana –, e se dá à tarde e noite adentro.

Há, no percurso da igreja Conceição da Praia à basílica do Bonfim, em torno de um milhão de pessoas. Anualmente e com data móvel, o ápice do evento acontece no entorno da basílica, na quinta-feira de janeiro

anterior à missa litúrgica do sacrifício de Jesus Cristo, que é realizada no segundo domingo depois da Epifania – Dia de Reis, em 6 de janeiro. O Nosso Senhor do Bonfim (Jesus Cristo) é considerado o protetor da cidade. Entretanto, a Nossa Senhora da Conceição da Praia (Virgem Maria) foi declarada a santa padroeira da Bahia pelo papa Paulo VI.

A concentração das baianas acontece em torno das nove horas da manhã, na igreja Conceição da Praia, onde, em seguida, há o cerimonial ecumênico pela paz mundial. Reúne líderes de diversas religiões: catolicismo, candomblé, espiritismo, islamismo, judaísmo, presbiterianismo, umbanda e budismo. A Lavagem do Bonfim opera como lugar inter-religioso. O acesso à concentração e ao culto ecumênico é restrito.

O percurso da multidão que se dirige à Colina Sagrada – nome dado ao lugar onde está a basílica do Bonfim – transpassa trajetos urbanos distintos desde a Cidade Baixa até a Península de Itapagipe. Vislumbra-se o cenário arquitetônico expressivo do conjunto religioso da cidade de Salvador (figura 3). A associação de diferentes etapas da Lavagem do Bonfim pode ser sintetizada pelo que Louis Marin (1994) define como “sintaxe do cortejo”, o corpo coletivo em movimento num certo arranjo e num certo tempo. “A ordem do cortejo significa a mensagem sobre as mensagens, quer dizer, a maneira como as mensagens devem ser entendidas.” (MARIN, 1994, p. 53, tradução nossa). Essa narrativa vai da reunião à dispersão, do “sujo” ao “purificado”, e do claro (dia) ao escuro (noite).



Fig. 3: O traslado do andor do Senhor do Bonfim passa em frente à Casa Pia e ao Colégio dos Órfãos de São Joaquim. Fonte: Autor, 2018.

Na tradição secular do cortejo, os peregrinos vestem indumentária branca e leve para enfrentar no mínimo três horas de caminhada no calor escaldante do verão tropical. A viagem da fé requer chapéu e muita água. Ninguém se recorda de alguma Lavagem do Bonfim sob chuva. Das janelas, moradores olham e são olhados. Grupos populares apresentam-se ornados, tocam e dançam nos devidos modos de seus estilos. Os andarilhos carregam um sorriso franco; vem do cantar o gesto natural para alegrar as divindades. Ao final do cortejo, os fiéis lotam o Largo do Bonfim. Quase não sobra lugar para as orações ao santo protetor e para lhe render graças ou homenagens. Como nos estágios da Paixão de Cristo, a multidão ascende devagar à Colina Sagrada, metaforizada como simbólica cruz.

O percurso à Colina Sagrada hoje revela uma singularidade instituída pelo reitor da igreja do Bonfim, padre Edson Menezes da Silva, em 2016: carregar a imagem do Senhor do Bonfim em pequeno andor pelo povo (figura 4). O evento traz diferentes perspectivas e até surpresas, como em 14 de janeiro de 2021, durante a pandemia de COVID-19, em que a prefeitura de Salvador fomentou uma campanha para que as pessoas não participassem dos festejos da Lavagem do Bonfim. Os fiéis foram orientados a acompanhar o evento pela Internet. O prefeito trocou o *slogan* da festa de “quem tem fé vai a pé” para “quem tem fé fica em casa.” (MATTOSO, 2021, p. A4). O cancelamento do evento pelo poder público, por uma questão de saúde pública, afetou, entretanto, inúmeros empregos temporários que a festa alavanca (figura 5).



Fig. 4: Fitinhas do Senhor do Bonfim amarradas no andor. Fonte: Autor, 2018.



Fig. 5: O mote sugerido pelo vendedor ambulante de miçangas: "Se você tem fé aqui tem axé!". Fonte: Autor, 2018.

4 Capitão português de mar e guerra e mecenato religioso

Qual a fonte primeira do mito do Nosso Senhor do Bonfim? Segundo a lenda de tradição oral, tudo começou com o naufrágio de um navio espanhol, cujos tripulantes encontraram, entre pedaços de madeira, numa praia da costa portuguesa, a imagem de Jesus crucificado. O símbolo cristão, portanto, promoveu a construção de uma capela pequena na cidade de Setúbal, Portugal, que demarcou a fundação da confraria do Nosso Senhor do Bonfim. Com a graça alcançada, a ideia seria agradecer o bom fim da ocorrência.

Por outro lado, o primeiro testemunho do surgimento da devoção no Brasil veio da Inglaterra pelos relatos dos marinheiros John Bulkeley e John Cummins (1927), no livro *A Voyage to the South-Seas in the Years 1740-41* (1743). Os dois aventureiros analfabetos narraram ao autor, John Narborough, as peripécias da esquadra de oito navios que deixou o porto de St. Hellens, na Inglaterra, em setembro de 1740, rumo ao hemisfério Sul.

O historiador Cid Teixeira (2000) conta que a experiência insólita da dupla começou com o naufrágio do navio *Wager* na costa chilena da Patagônia. De porto em porto, após inúmeras viagens de risco, chegaram ao Rio de Janeiro. Para custear o regresso à Europa, via Lisboa, conseguiram trabalho no navio *Setúbal*, comandado pelo capitão português de mar e guerra Theodozio Rodrigues de Faria, comerciante de escravos e mecenas religioso, proprietário de três embarcações dedicadas ao tráfico na costa africana. "Ricos colonizadores bancaram suntuosas edificações para pagarem promessas e salvarem a alma depois da morte, se livrando do que acreditavam ser o purgatório e o inferno." (TALENTO, 2021, p. B11). Em Salvador, os dois Johns finalmente embarcaram para Lisboa em setembro de 1742.

Prestes a chegar à Europa, em 23 de novembro, surgiu o imprevisto de tempestade com vendaval diante do porto de Lisboa. Surpresos, os dois marinheiros ingleses encontraram a tripulação de joelhos, em prece, ao invés de bombear a água que inundava a embarcação. Não conformados com a atitude passiva, reclamaram ao capitão Theodozio, que reagiu e mobilizou a tripulação. Em terra firme portuguesa, mais precisamente em Setúbal, oficiais e marinheiros aliviados foram descalços em procissão com a vela e o mastro do navio diretamente à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte para agradecer a graça alcançada. Theodozio cumpriu a sua promessa, proferida no momento de desespero no Atlântico, encomendou a artesãos portugueses uma réplica em cedro da imagem do Cristo crucificado: o Nosso Senhor do Bonfim com 1,1 m de altura. E foi ordenada a construção do templo em Salvador, cujas obras foram iniciadas após a chegada da escultura em 1745. (AVANCINI, 2016, p. 48).

A construção da então igreja do Bonfim foi uma tentativa de escapar do inferno para passar pouco tempo no purgatório, além de monumental ex-voto – objeto oferecido à divindade por graça alcançada. A primeira missa aconteceu no Dia de São João, em 24 de junho de 1754. O povo, então, passou a considerar o santo como pertencente à Bahia e atribuir milagres e graças alcançadas ao Senhor do Bonfim. A basílica do Bonfim, exemplo de arquitetura colonial erguida com destaque no alto da colina, é um monumento em estilo neoclássico com fachada em rococó e demarca a paisagem com suntuosidade (figura 6).



Fig. 6: A multidão e o caráter contínuo da festa. Ao fundo, as duas torres da basílica do Senhor do Bonfim. Fonte: Autor, 2018.

O céu enfeita-se de foguetes, confetes e balões brancos quando chegam as baianas ao adro da basílica do Bonfim. As mulheres negras revitalizaram as festas católicas da Bahia, desde os ritos de caráter reservado e intimista até os folguedos de ambiência festiva. Quem melhor representa a Lavagem do Bonfim é a baiana: em seu traje peculiar emana prestígio, reverência e aura. O vaso, carregado com flores e água perfumada, bem como a veste branca, comunicam o sagrado.

Eram centenas de baianas reunidas na escadaria do templo, todas nos trinques dos trajes brancos, rituais: a saia rodada, as anáguas engomadas, a bata de rendas e bordados, as sandálias de taco baixo. Ostentavam, nos braços e no colo, balangandãs de prata, adereços e pulseiras com as cores de seus santos. Pote, jarro ou moringa sobre o turbante, na cabeça: água de cheiro para a obrigação. Mães e filhas de santo de todas as nações afro-baianas – nagô, jeje, ijexá, angola, congo – e da nação cabocla, no dengue e na alegria. (AMADO, 2010, p. 56).

A fidelidade ao cumprimento das promessas, a oração, a gratidão pelas graças alcançadas e a entrega aos divertimentos, prazeres e emoções fazem o peregrino recitar poemas de louvor e implorar proteção numa fusão entre matéria e espírito. Ninguém duvida, na Bahia, de que “quem canta seus males espanta”. É natural, portanto, homenagear o amor de Cristo ou reverenciar o poder de Oxalá.

Encontrar em pessoas ou em instituições a boia de salvação nesse oceano tenebroso em que a gente vive faz parte da nossa herança ibérica, católica, lusitana. Temos essa tendência a um desejo de que uma pessoa ou uma instituição seja nossa salvação. (GIL, 2018, p. A17).

Com a penitência da longa caminhada, os peregrinos buscam méritos que aliviem suas desventuras: angústias familiares, perturbações da saúde, costumes nocivos, desejos de casamento, amarguras financeiras, formações e atividades profissionais. Há simplesmente o puro dever e o deleite pelo deslocamento festivo. No trajeto ao templo, o caminho é comum a todos, mas cada romeiro o cumpre em ritmo próprio. A história de luta dos negros pela sobrevivência obrigou-os a criar autonomia e organização. O cortejo ondula ao sabor de uma vastidão de sons eletrônicos ou ao vivo, como hinos religiosos, samba, axé e capoeira (figura 7).



Fig. 7: A festa é uma sucessão de momentos expressivos, como os movimentos ágeis e a musicalidade da capoeira. Fonte: Autor, 2018.

Considerada festa pagã pela arquidiocese da cidade de Salvador – decisão racista e preconceituosa –, há, hoje, na Lavagem do Bonfim, redirecionamentos para o ecumenismo. De certo modo, trata-se de uma resposta popular à crise instaurada entre as instituições governamentais, privilegiadamente brancas, e as aspirações para incorporar os negros como cidadãos. O provincianismo cultural das classes dirigentes sempre discriminou o caráter popular da Bahia e de todo o Nordeste brasileiro. Um dos atos dessa intolerância foi a

extinção da tradicional festa pelo decreto-lei, publicado oficialmente em 1899, promulgado pelo então arcebispo da Bahia, dom Luís Antônio dos Santos. As constantes interferências produzidas pelo poder público e religioso foram impregnadas por ações para branquear a festa, afastar o romeiro e desarticular a crença em torno de Oxalá.

Apesar de a festa ter sobrevivido, em 1950 impediram o acesso ao Santuário do Bonfim, destituindo direitos e desmantelando tradições. As baianas passaram, então, a derramar simbolicamente as águas perfumadas sobre a escadaria e o adro, área plana e cercada em frente da igreja. Em 1976, o arcebispo dom Avelar Brandão Vilela autorizou a reabertura do portal de madeira do templo, mas até hoje o acesso continua impedido por uma porta de ferro vazada com o símbolo da cruz cristã. Essa festa popular, rigorosamente distinta do folclore, é constante luta à intolerância.



Fig. 8: Padre Edson Menezes da Silva abre a janela do diálogo e ergue a imagem do Senhor do Bonfim aos peregrinos. Fonte: Autor, 2018.

A partir de 2009, numa política de reparação, o padre Edson Menezes da Silva passou a abençoar os fiéis da janela do templo com a réplica da imagem do Senhor do Bonfim nas mãos (figura 8). O pontífice, reitor da basílica do Bonfim, comenta, emocionado, a sensação de contemplar a multidão quando mostra publicamente a imagem aos fiéis: "Olhar lá de cima é magnífico, um acontecimento integrativo de raças, credos e classes sociais. O projeto social de hoje é a solidariedade." (informação verbal)². Padre Edson, negro baiano de Salinas da Margarida, reconhece o orgulho da população e respeita a diversidade, afirmando que o não reconhecimento da Lavagem do Bonfim pela Igreja católica deixa vazios: "Temos muito a aprender com a cultura afro-brasileira e as manifestações populares. Desejo que as águas dessa Lavagem ajudem a construir tempos de paz." (informação verbal)³.

6 A água como elemento central da festa

A baiana evoca imagens simbólicas do feminino e da maternidade, e acolhe no coração divindades africanas antigas, como o velho pai Oxalá, o sábio de mão trêmula apoiada sobre o cajado. O serviço anual de lavar o santuário para a festa dominical do Senhor do Bonfim provavelmente remonta "[...] à lembrança desses escravos nagôs da Bahia, aos ritos lustrais característicos do culto a Oxalá." (SERRA, 1995, p. 235). Quando a parte interna da igreja ficou pronta, em janeiro de 1755, iniciou-se a prática da limpeza do piso no dia de quinta-feira, que foi integrada aos preparativos do novenário e da missa dominical do sacrifício de Jesus Cristo. Assim, a prática da lavagem afirmou-se como forma de oferenda e ritual de purificação para concretamente afastar a sujeira física.

Hoje, o lugar proeminente da festa, o adro da basílica do Bonfim, é onde acontece a lavagem simbólica do piso, prática tradicional das baianas. Cercado por grades de ferro, a ideia é cercar o povo para promover a segurança dos líderes religiosos (inclusive as baianas), do aparelho de Estado e da mídia informativa. O

antropólogo Ordep Serra critica o modo como o adro hoje está todo protegido: “Quem criou a beleza desse rito, dessa festa, foi o povo mais humilde, mais pobre, o povo negro. Houve, de fato, uma supressão do espaço público enquanto espaço democrático.” (informação verbal)⁴.

O elemento central da festa está na água limpa para retirar as impurezas, afastar as coisas ruins e promover a correção do ser. Os verbos “nascer”, “purificar” e “aperfeiçoar” encontram-se nas mais antigas tradições sobre a água em culturas africanas e muçulmanas. E é na relação sagrada com o líquido essencial à vida que reside um dos argumentos para a analogia de Oxalá com o Senhor do Bonfim, embora “[...] não se tenha transferido para Oxalá nenhum traço da pessoa histórica de Jesus.” (BERKENBROCK, 1997, p. 249).

A água é a chave para compreender as origens das tradições culturais e religiosas da Lavagem do Bonfim. Se, no passado, sua função havia sido a de limpar o piso do santuário pelo braço serviçal do negro escravizado (figura 9), hoje transmuta-se para abençoar o peregrino em forma de respingo ou borrifo, que faz refrescar, rejuvenescer, proteger e curar. O momento especial de êxtase do fiel, portanto, é o ritual de contato com as águas de cheiro aspergidas pelas baianas. A água de cheiro está dentro dos vasos floridos que as baianas levam ao Bonfim. “A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a pureza.” (BACHELARD, 1997, p. 15).

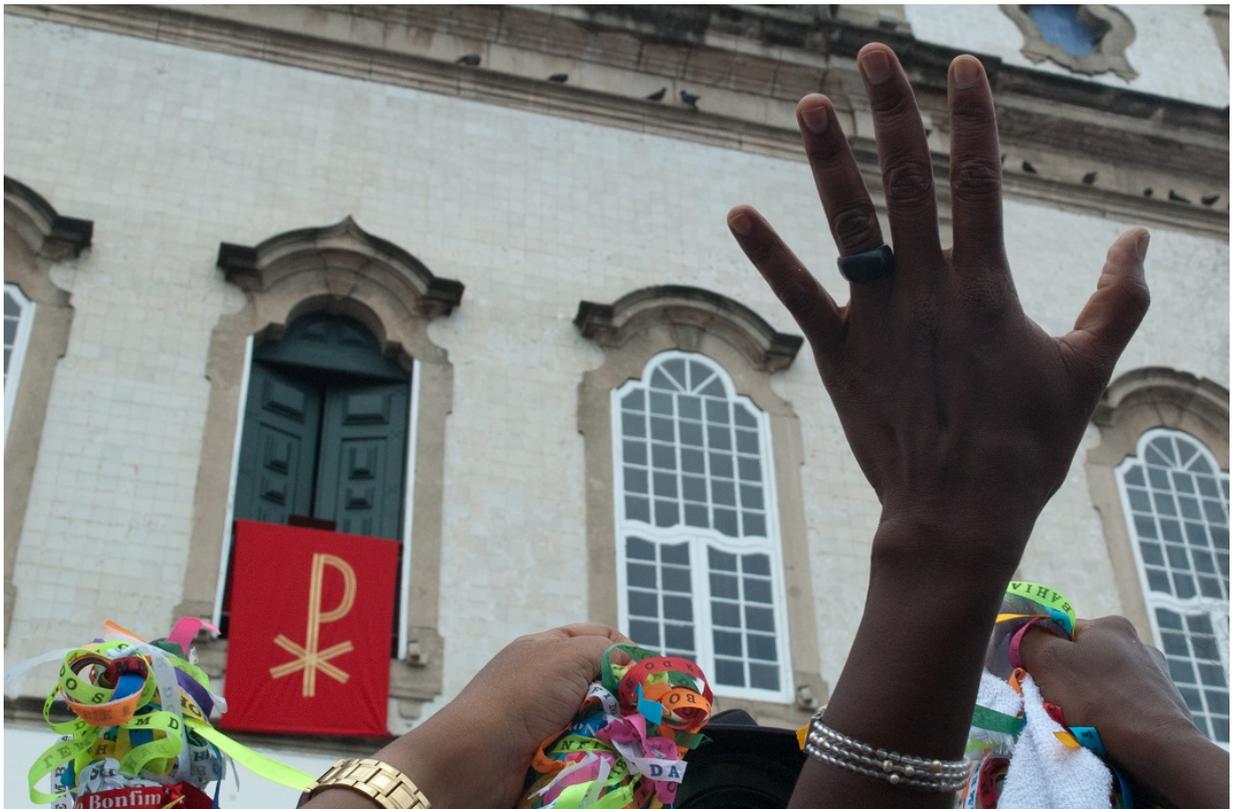


Fig. 9: “Temos muito a aprender com a cultura afro-brasileira”, nas palavras do padre Edson Menezes da Silva. Fonte: Autor, 2018.

Assim, o devoto experimenta a primeira sensação da graça: a água em aspersão promove a bem-aventurança e legitima os poderes atribuídos às baianas. Todos querem a bênção solene simbolizada pela vontade divina sobre os homens. A água perfumada representa, para o peregrino, o melhor elixir da Lavagem do Bonfim.

Jorge Amado (2010, p. 292) relata a sensação de plenitude na quinta-feira do Bonfim, quando, no adro, acontece o aspergir na cabeça dos peregrinos “[...] com as águas de Oxalá [...]”. Enquanto na tradição católica os devotos adentram a igreja para receber a bênção dos sacerdotes, nesse caso, a basílica do Bonfim fechada faz que os fiéis sejam purificados ao ar livre pela celebração das baianas: uma transformação cultural. A aspersão da água perfumada, voluntariamente consentida, traz calma, segurança e promove elevação dos pensamentos corriqueiros. Há a convicção de que a água proveniente dos vasos floridos conduz a um bom fim. Ao Bonfim.

O momento de dispersão da Lavagem do Bonfim é a Festa de Largo, tradição do catolicismo popular, cuja igreja é o centro geográfico da comemoração. O espaço urbano é tomado por barracas de comida e bebida; prevalecem as atividades livres realizadas no período vespertino e sem hora para acabar. É quando o povo vivencia os divertimentos: refeições, tira-gostos, bebidas, namoros, jogos, músicas e danças. Universo caótico, ruidoso e, às vezes, violento.

Ambulantes aproveitam o grande fluxo e instalam, às margens das vias públicas, suas bancas e tabuleiros. As barracas em cores e formatos diferentes entre si expressam-se como marcos esculturais. Concebidas com inventividade para as refeições, formam pórticos acortinados que atraem uma freguesia sempre pronta a saborear pratos requintados. A heterogeneidade dos elementos faz a multidão reagir aos estímulos sensoriais em que tudo é predominantemente branco, branco, brasileiro.



Fig. 10: Um corpo coeso em ação. Fonte: Autor, 2018.

A Lavagem do Bonfim é livro falado em comunhão pela paz no dialeto mestiço, integrando o sagrado e o profano, bem como cristãos e candomblecistas. Almeja o humanismo étnico, religioso, cultural e político. Simbolizada pelo milagre no fluir regular do dia a dia, a Lavagem do Bonfim cria o espírito de corpo integrado da gente brasileira (figura 10).

7 Considerações finais

A dinâmica ruidosa de Salvador favorece a incompreensão. Uma metáfora é a concentração das baianas no entorno da igreja Conceição da Praia, pois a confusão entre pessoas, baianas, religiosos, políticos, imprensa, capoeiristas e blocos de afoxé ordena-se significativamente ao adentrar o cortejo. O desfile, que mais parece uma escola de samba, acolhe a essência cosmopolita de Salvador: o predominante elemento iorubá do Benim. O soteropolitano é o estereótipo do brasileiro para estrangeiros, cuja natureza lida simultaneamente com a regra e o improvisado. O baiano contorna obviedades no uso dos espaços públicos, nos quais tudo é possível.

Todo o universo cabe na Lavagem do Bonfim. As riquezas e misérias inerentes à condição humana esparramam-se no asfalto das ruas. O espaço urbano da festa cria disparidades tão reais quanto mágicas, acolhendo a condição mística da sabedoria popular. A Lavagem do Bonfim expõe o retrato do Brasil não oficial: o povo sempre a se defender. Certos conceitos da sociologia revelam que, desde a estrutura escravista, “[...] o cristianismo entrava como parte importantíssima do aparelho ideológico de dominação e as religiões africanas eram elementos de resistência do segmento dominado.” (MOURA, 1988, p. 39).

Em condições de privação e opressão, uma força emana da coletividade para que sua história, identidade e sabedoria não possam sucumbir. A narrativa da festa evidencia a força histórica da resistência. A Lavagem do Bonfim reflete a horizontalidade da maioria de seus atores; sua mensagem transmite o apelo por uma sociedade civil mais coesa e fortalecida. O que o movimento das baianas logra com grande maestria é evidenciar uma oportunidade, renovada a cada ano, de se reconectar à identidade afro-americana, à história da Bahia e às raízes da gente brasileira. Nessa festa, destacam-se dois vínculos seculares: o permanente elo de continuidade com as religiões africanas e a abrupta descontinuidade da escravidão, gerando o desamparo social aos dominados.

As festas populares religiosas, cuja essência é a devoção, sempre foram um modo de afirmar a autonomia e organização de comunidades. A Lavagem do Bonfim é a interculturalidade transformada em prática. A rua, nesse caso, é multiétnica, multirreligiosa e multissocial. O longo trajeto percorrido no sentido do aperfeiçoamento, em pleno calor tropical, demarca a busca pelo encontro com as divindades, a pureza do coração e a memória dos antepassados.

A Lavagem do Bonfim é o lugar de encontro com o sagrado, marcado pela diversidade e pluralidade. Ou seja, é ato político e existencial, que implica a paz e o conflito com o outro. Local de gente historicamente rejeitada, os espaços de fusão-ordenamento trabalham simultaneamente como os “[...] espaços de negação-segregação dos grandes centros latino-americanos.” (DEZEM; AVANCINI, 2019, p. 150). Nada incomuns, as festas são tradições e hábitos que obedecem a duas dimensões da vida humana: o cotidiano e o fora do comum.

O tema América Latina é oportunidade para debater questões humanas. A América Latina nasceu para a obediência, demarcada que foi, dentre outros, pelos excessos da colonização estrangeira, pela violência aos nativos e pela escravidão. O vínculo com as culturas africanas no âmbito latino-americano foi construído sobre uma constante tensão entre continuidade e descontinuidade, pertencimento e exclusão, pureza e mestiçagem, preconceito e tolerância. A pesquisa aqui apresentada enquadra-se nas relações dialógicas com o contexto latino-americano, nas quais o Brasil se insere, tendo sido marcado culturalmente pelas religiões de matrizes africanas. Discutir a festa da Lavagem do Bonfim é uma possibilidade de identificar questões das distorções promovidas pelas formas de controle cultural, de ressignificar compreensões do continente sobre a invisibilidade de grupos não hegemônicos e de abrir horizontes para repensar a atualidade da cultura afro-brasileira.

A Lavagem do Bonfim representa momentos de refúgio poético na vida dos fiéis, propiciando a identidade cultural e a proximidade com o sagrado. Somente as divindades para sublimar as dores e proteger da exploração, que advém desde os períodos de colonização e escravidão, em um país com maioria declarada negra. Será essa a razão pela qual a festa existe há quase três séculos, buscando integrar negros e brancos? Pode-se metaforizar que a “segunda abolição” ainda está em processo do bom fim: incorporar os negros à sociedade. Cidadania ainda é a maior dívida histórica do Brasil.

Referências

AMADO, J. **Mar morto**. São Paulo: Martins, 1972.

AMADO, J. **O sumiço da santa**: uma história de feitiçaria. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AVANCINI, A. **Lavagem do Bonfim**. São Paulo: Alameda, 2016.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERKENBROCK, V. **A experiência dos orixás**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BULKELEY, J.; CUMMINS, J. **A Voyage to the South-Seas in the Years 1740-41**. New York: Robert M. McBride, 1927.

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

DEZEM, R. A.; AVANCINI, A. A fotografia de rua em duas cidades multifacetadas: Osaka e São Paulo. **Studies in Language and Culture**, Osaka, v. 45, p. 143-160, 31 mar. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11094/71636>. Acesso em: 4 mai. 2021.

DI CESARE, D. Luta por direito a migração será tão dura quanto a contra a escravidão. [Entrevista concedida a] Úrsula Passos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A12, 27 jan. 2021.

DORIGNY, M.; GAINOT, B. **Atlas das escravidões**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2017 [1978].

GIL, G. Sou Lula Livre, mas não necessariamente para votar nele. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A17, 27 ago. 2018.

LABBUCCI, A. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARIN, L. **De la représentation**. Paris: Seuil & Gallimard, 1994.

MATTOSO, C. Painei. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A4, 14 jan. 2021.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

QUEIROZ, C. Caminhos da Liberdade. **Revista Fapesp**, São Paulo, n. 267, p. 74-79, 2018.

SERRA, O. **Águas do rei**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TALENTO, B. Livro mostra como medo do inferno levou à construção das igrejas barrocas da Bahia. [Entrevista concedida a] Lucas Fróes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. B11, 27 jan. 2021.

TEIXEIRA, C. Nosso Senhor da Bahia: um culto em dois tempos. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador, n. 44, p. 103-117, nov. 2000.

1 Evitamos o uso do termo sincretismo por constatar que as práticas religiosas são caracterizadas por porosidades, misturas e trocas intensas. Com isso, evita-se considerar que somente as práticas religiosas afro-americanas sejam vistas como sincréticas.

2 Depoimento dado por Edson Menezes da Silva a Atílio Avancini, em 2018, na cidade de Salvador.

3 Depoimento dado por Edson Menezes da Silva a Atílio Avancini, em 2009, na cidade de Salvador.

4 Depoimento dado por Ordep Serra a Atílio Avancini, em 2001, na cidade de Salvador.